



Estágio supervisionado na modalidade de projeto na educação do campo

Maricleide Pereira de Lima Mendes^{1*}, Ana Celeste Pereira Neri², Magna Marcelo Almeida², Maria de Fátima dos Anjos Silva Moreira², Maria Railda dos Anjos Silva²

¹Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade, Feira de Santana, Bahia, Brasil, ²Discente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza, Feira de Santana, Bahia, Brasil. *maricleide.mendes@ufrb.edu.br

Recebido em: 03/08/2021

Aceito em: 22/09/2021

Publicado em: 08/10/2021

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo relatar as experiências vivenciadas no desenvolvimento do Estágio Supervisionado II, como forma de discutir a relevância do estágio na formação inicial do professor/a e Ciências da Educação do Campo. O estágio foi desenvolvido na modalidade de Projeto e aconteceu no ano letivo de 2017, em uma turma do Segundo Ano do Ensino Médio, de um colégio público do campo, situado em um município do estado da Bahia. O artigo traz descrições da oficina temática realizada na escola, como também reflexões sobre as metodologias e as práticas utilizadas em sala de aula. Após a análise, concluímos que o estágio provê subsídios e conhecimentos imprescindíveis à prática docente, pois este é parte essencial do processo de formação. O estágio proporciona uma interação mais próxima com o cotidiano e as vivências escolares, sobretudo quando tratamos da Educação do/no Campo.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Educação do campo. Oficinas temáticas.

Supervised internship in project mode in field education

ABSTRACT

The present work had as objective to report the experiences lived in the development of the Supervised Internship II, such a way to discuss the relevance of the internship in the initial formation of the teacher/a and Field Education Sciences. The internship was developed in the Project modality and took place in the 2017 school year, in a class of the Second Year of High School, from a public school in the countryside, located in a municipality in the state of Bahia. The article provides descriptions of the thematic workshop held at the school, as well as reflections on the methodologies and practices used in the classroom. After the analysis, we concluded that the internship provides subsidies and essential knowledge for teaching practice, as this is an essential part of the training process. The internship provides a closer interaction with everyday life and school experiences, especially when dealing with Education of/in the Country.

Keywords: Supervised internship. Countryside education. Thematic workshops.

INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório se configura, nos cursos de Licenciatura, como um campo de conhecimento em que os estudantes, a partir de discussões teórico-

metodológicas, são inseridos no espaço escolar. Isso com o objetivo de desenvolver atividades que possibilitem a compreensão, a análise e, posteriormente, a intervenção neste espaço.

Na Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza e Matemática (Ledoc) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), o estágio é compreendido como uma ação que transpassa os tempos e os espaços formativos. Estes tempos formativos são denominados de Tempo Universidade (TU) e de Tempo Comunidade (TC). O TU ocorre no espaço acadêmico e, nele, acontecem as aproximações entre os diferentes componentes curriculares, os conhecimentos científicos e os conhecimentos populares, na dimensão do ensino, da pesquisa e da extensão. O TC se dá nos locais de moradia/trabalho dos licenciandos, mediado por estudos dirigidos, por práticas docentes, por oficinas, por pesquisas, por estágios curriculares e por intervenções devidamente acompanhadas por professores do curso das diferentes áreas do conhecimento.

O estágio é um momento de se aprimorar os conhecimentos científicos, teóricos e práticos. Estes devem ser operacionalizados de modo a efetivar o diálogo entre as aprendizagens do TU e as atividades de vivência prática do TC, levando em consideração a organização do trabalho pedagógico nas Escolas do Campo. São consideradas Escolas do Campo aquelas que estão situadas em uma área rural ou estão situadas na área urbana, mas que atendam, predominantemente, as populações do campo, de acordo com o Decreto nº7.352, de 4 de novembro de 2010 (BRASIL, 2010).

Nas palavras de Pimenta (2012), o estágio é uma atividade teórica instrumentalizada da práxis e, como tal, uma atividade curricular obrigatória que tem seu exercício marcado pela articulação entre a escola e a universidade. Nesta lógica, o estágio possui características que podem subsidiar a reflexão sobre a prática e estabelecer uma relação que vai do ensino à pesquisa, configurando-se como uma prática de ensinar e de aprender. Nessa mesma perspectiva, Freire (1996) afirma que não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino.

Salientamos aqui que o estágio foi realizado na modalidade de Projeto por meio de oficinas temáticas. Segundo Pimenta e Lima (2011), o estágio nesta modalidade se caracteriza como processo de ensino e de aprendizagem, em que proporciona troca de saberes entre educandos e educadores.

Nas palavras de Moita e Andrade,

As oficinas pedagógicas são situações de ensino e aprendizagem por natureza abertas e dinâmicas, o que se revela essencial no caso da escola pública – instituição que acolhe indivíduos oriundos dos meios populares, cuja cultura precisa ser valorizada para que se entabulem as necessárias articulações entre os saberes populares e os saberes científicos ensinados na escola (MOITA; ANDRADE, 2006, p. 11).

Sendo assim, as oficinas possibilitam um estímulo ao saber, ao criar e ao recriar situações, materiais, ferramentas e conhecimentos se baseando na relação do sujeito com o objeto de estudo em questão. Para Anastasiou e Alves (2004):

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 95).

Nesse artigo, descrevemos a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado II, que foi realizado com estudantes do 2º ano B do Ensino Médio de um Colégio Estadual, localizado na sede de um município no interior da Bahia. Nesta oportunidade, desenvolvemos uma oficina cuja temática foi “Produção Agroecológica”.

A oficina foi desenvolvida de acordo com a concepção de Marcondes (2008). Para ele, as oficinas temáticas procuram tratar os conhecimentos de maneira articulada e contextualizada, envolvendo os estudantes em um processo ativo na produção de seu próprio conhecimento.

Ao trabalhar com as oficinas, podemos explorar os conhecimentos prévios, os conteúdos estudados e a prática. Então, podemos dizer, que uma oficina representa uma atividade prática em que se trabalha com a resolução de problemas que levam em consideração os conhecimentos teóricos e práticos dos alunos (MARCONDES, 2008).

As oficinas pedagógicas podem proporcionar, ao aluno, a produção do conhecimento por meio da relação ação-reflexão-ação, fazendo-o vivenciar experiências mais concretas e significativas baseadas no sentir, no pensar e no agir. Assim, acreditamos que quando bem direcionadas, as oficinas pedagógicas, contribuem para aguçar o interesse dos estudantes, colaborando com a significação de conteúdos, o que é bem pertinente para o processo de ensino e aprendizagem na Educação do Campo.

A Educação do Campo surgiu das lutas dos movimentos sociais dos povos do campo e estava vinculada aos trabalhadores do campo, aos trabalhadores sem-terra e

sem trabalho, dispostos a reagirem, a lutarem e a se organizarem contra a situação em que se encontravam (CALDART, 2012). Nesta perspectiva, a Educação do Campo torna-se diferente da educação rural, pois é construída por e para os diferentes sujeitos e para as práticas sociais e as culturas que compõem a diversidade do campo.

E quem são esses sujeitos do campo? No documento “Por uma Educação do Campo: Declaração 2002” (produzido durante o Seminário Nacional por uma Educação do Campo) consta que:

No campo existem milhões de brasileiras e brasileiros [...] que vivem e trabalham no campo, como: pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, boias-frias, entre outros. (KOLLING et al., 2002, p. 11).

Da articulação dos sujeitos do campo com os movimentos sociais, sai a aprovação, em 2002, pela Câmara de Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Nestas Diretrizes, a identidade da Escola do Campo é:

(...) definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, 2002).

Para Fernandes e Molina (2004, p. 43), “a concepção de campo e de educação deve contemplar o desenvolvimento territorial das famílias que trabalham e vivem da terra:”. Neste sentido, o ensino para a Educação do Campo precisa estar em movimento com a comunidade escolar. As experiências encontradas nesta realidade devem ser transformadas em processo de humanização e de reafirmação das histórias e das identidades dos povos camponeses.

A simultaneidade de valores e de culturas que se relacionam no meio social são construídos e reconstruídos em contato com a realidade pelas relações sociais, pelas relações de trabalho e pela convivência nas práticas educativas. Se esses fatores não são reivindicados e valorizados na construção do conhecimento, perde-se o sentido da heterogeneização de diversidades na prática cotidiana na escola.

Como podemos perceber, a Educação do Campo fomenta, em suas bases pedagógicas, um ensino que seja contextualizado. Para alcançar este projeto de

educação, várias ferramentas são utilizadas, entre elas, as oficinas temáticas, que têm trazido muitos resultados positivos para a educação.

Na Educação do Campo, as oficinas temáticas têm sido uma importante ferramenta para a contextualização e a produção de conhecimentos. A mesma predispõe de características importantes que dialogam com o Projeto Político Pedagógico do curso, por principiar de uma abordagem temática que funciona em conjunto com um tema gerador (FREIRE, 1996).

Para Teixeira (2012), as oficinas são recursos que podem ser utilizados para tornarem os conceitos abstratos mais concretos, mais plausíveis e mais frutíferos em uma comunidade escolar. Além disso, as oficinas não só estimulam aprendizagens de conceitos e de habilidades, mas também proporcionam reflexões, questionamentos e debates em relação aos conceitos, propiciando aos alunos uma aprendizagem mais dinâmica e prazerosa acerca dos conteúdos e um melhor entendimento da realidade vivenciada por eles. Ainda segundo Teixeira (2012, p. 40)-

A utilização dos espaços oficinais faz com que os alunos sintam a partilha de um momento extremamente agradável, quer com os companheiros, quer com os orientadores, o que leva a apropriarem-se de valores coletivos, que lhes parecerão as regras de uma sociedade ideal.

Neste sentido, a oficina temática representa uma proposta de ensino e de aprendizagem, que leva à busca de soluções para um problema a partir dos conhecimentos práticos e teóricos.

Em razão de tudo o que foi discutido até aqui e objetivando colaborar e participar da construção desse projeto de educação, realizamos uma oficina temática utilizando “Produção Agroecológica” como tema gerador. Esta proposta de atividade surgiu através do componente Estágio Supervisionado II, do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitações em Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, *campus* Feira de Santana. Este estágio foi desenvolvido na modalidade de Projetos, por meio de oficinas temáticas, em que planejamos e vivenciamos uma forma diferenciada de trabalhar os conteúdos didáticos.

MATERIAL E MÉTODOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, e descritiva, desenvolvida por meio de estudo de campo, por se tratar da

reflexão da própria ação dos estagiários em atividade. De acordo com Gil (2008), a pesquisa de campo busca realizar o aprofundamento acerca de uma realidade específica e é realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado para ter acesso às explicações e às interpretações do que ocorre naquela realidade.

O referido estágio foi desenvolvido na sexta etapa do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Foi realizado em um colégio do estado, que atende alunos do campo, localizado em um município no interior da Bahia. O colégio oferece vagas para alunos do Ensino Médio, funcionando nos turnos matutino e vespertino.

O Estágio Supervisionado II teve carga horária total de 136 horas e foi dividido em duas etapas. A primeira etapa foi desenvolvida no Tempo Universidade e teve duração de 68 horas. Neste período, foram realizadas diversas discussões sobre a importância do estágio na formação do professor na Educação do Campo. A segunda etapa foi desenvolvida no Tempo Comunidade, com uma carga horária total de 68 horas, dividida entre observação, planejamento das ações/oficinas, plano de estágio e rodas de conversas.

Os sujeitos desse estudo foram 35 alunos do 2º ano do Ensino Médio, do turno vespertino. Na turma escolhida, aplicamos um questionário para o levantamento de algumas informações que nos norteariam para a elaboração da oficina, que teve como temática “Produção Agroecológica”. Esta temática foi escolhida, por já estar sendo desenvolvido um Projeto na escola. Com estas informações, começamos a planejar as aulas/oficinas, sempre com o cuidado de abarcar o tripé “Educação do Campo, Produção Agroecológica e Conteúdos Específicos”.

Para o desenvolvimento da oficina, utilizamos os três momentos pedagógicos descritos por Delizoicov et al., (2002): a problematização, que aborda as situações e os problemas reais que os alunos vivenciam e que permitem a manifestação de seus conhecimentos prévios, suas ideias e suas opiniões; organização de conhecimentos, momento em que os conhecimentos específicos em relação ao tema da oficina são trabalhados e apresentados aos alunos para que estes compreendam o que está envolvido no estudo; e aplicação dos conhecimentos, ocasião em que os discentes podem utilizar os conhecimentos trabalhados para explicarem acontecimentos e para compreenderem o cotidiano e as situações envolvidas, tornando a aprendizagem prazerosa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por mais que a figura e o papel do ser professor estejam postos, este papel se torna totalmente novo quando saímos do papel de aluno e assumimos a profissão docente, pois envolve um misto de insegurança, de ansiedade, de dúvidas e de medo. Neste sentido, o Estágio Supervisionado constitui-se, como já sinalizado, o momento em que o licenciando tem a oportunidade de um contato maior com o exercício desta profissão, podendo, inclusive, ser crucial na sua escolha por continuar na docência ou não.

Neste momento, o futuro professor pode refletir acerca da importância da elaboração do plano de aula, da elaboração de material didático, da contextualização e investigação do conhecimento prévio do educando, da utilização de recursos e de metodologias diferenciadas. Assim, a seguir, apresentaremos o relato das ações da oficina realizada durante as aulas destinadas ao estágio.

A oficina

Seguindo a linha de pensamento de Marcondes (2008), de temas do cotidiano dos alunos, estabelecemos ligações com a Química e outras áreas do conhecimento e utilizamos a vivência dos alunos como parte no processo de organização e elaboração do conhecimento.

Ações

No primeiro momento, antes de aplicarmos a oficina, foi feita uma dinâmica utilizando bexigas para fazermos um levantamento das concepções prévias dos alunos sobre produção agroecológica. Dentro das bexigas continham perguntas abertas e os alunos estouravam as bexigas e respondiam as perguntas, que versavam sobre o conceito de biofertilizantes, de defensivos agrícolas e de produção agroecológica.

Ao analisarmos as respostas, verificamos que 80% dos alunos sinalizaram que biofertilizantes são adubos orgânicos obtidos com materiais fáceis de serem encontrados, como estrume, urina de vaca, folhas, restos de alimentos. Do restante, 17% não souberam responder e 3% não responderam.

Em relação à segunda pergunta, 90% relacionaram defensivos agrícolas a agrotóxicos, mostrando que sabem da natureza tóxica destes produtos, e os 10% restantes deixaram em branco. Ao analisarmos a terceira pergunta, verificamos que 90%

dos alunos reconhecem que uma produção agroecológica diz respeito ao não uso de agrotóxicos na produção.

Para Moreira e Greca (2004), as concepções prévias dos estudantes desempenham um papel importante no processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que, quando estas são conhecidas, torna-se mais fácil estabelecer estratégias capazes de provocar sucessivas evoluções à maneira de pensar.

Dando seguimento, explicamos a diferença de biofertilizantes e defensivos agrícolas, sinalizando as vantagens e as desvantagens no uso de cada um destes. Sempre promovendo a participação dos alunos, iniciamos a produção do adubo orgânico conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Oficina produção de adubo

Produção de adubo do solo	02 litros de manipueira 02 litros de água Dosador	A manipueira utilizada deve estar em repouso, sendo 2L de manipueira para cada 2L de água. Aplicar a diluição na quantidade de 2 a 4 litros por metro de sulco de cultivo, deixando o solo descansar por 8 ou mais dias após a aplicação. Para a sementeira, deve-se revolver bem o solo.
Produção de adubo foliar	01 litro de manipueira 06 litros de água Dosador	A manipueira utilizada deve estar em repouso, sendo 1L de manipueira para cada 6L de água. Pulverizar as folhas das culturas com o líquido diluído. Fazer 1 aplicação por semana (mínimo 6 semanas/máximo 10 semanas).
Produção de defensivos agrícolas como: Praguicida, formicida e inseticida.	Manipueira Água Pulverizador Dosador	A manipueira deve ser coletada antes das 24 horas. No controle de praguicida, utilizar 1 litro de manipueira para cada 1 litro de água; como formicida, 1 litro de manipueira para cada formigueiro; e no controle de insetos, utilizar 1 litro de manipueira para 2 litros de água. Pulverizar 3 vezes ou mais sobre a plantação, com descanso de 1 semana entre cada aplicação (FERREIRA, 2001)

Fonte: Própria dos autores (2017)

As oficinas tiveram abordagem voltada para alguns conceitos químicos, como elementos químicos, substâncias químicas e misturas. Neste momento, foi solicitado aos estudantes que respondessem perguntas como: o que é uma mistura? O que é uma substância? Como podemos identificar se é mistura ou substância? É possível identificar somente olhando? Quantas fases tem essa mistura? Para que os alunos pudessem chegar à definição de mistura homogênea e heterogênea e à diferença entre substâncias e misturas. Isso através da observação e das diferenças visuais entre os sistemas.

Esses conceitos foram escolhidos porque são básicos da química e porque os estudantes já tinham estudado tais definições no primeiro ano do Ensino Médio. Essa

atividade nos mostrou que os alunos possuem deficiência e dificuldade em lembrar de conceitos já trabalhados, pois eles lembravam vagamente, não lembrado a diferença entre misturas homogêneas e misturas heterogêneas.

No decorrer das atividades, percebemos uma grande interação dos estudantes com as aulas e com a forma com que os mesmos articulavam e integravam suas aprendizagens com os conceitos trabalhados durante a produção do adubo.

Para Caldart (2012), os processos educativos devem passar pelo conjunto de experiências e de vivências que o ser humano tem ao longo da vida. Logo, a escola deve estar vinculada ao mundo do trabalho, da cultura, da produção, e à luta pelo projeto popular de desenvolvimento do campo. Pois, por meio do vínculo vida, cotidiano e existência, surge o educativo.

Por fim, desenvolvemos uma atividade lúdica que foi a produção de livro *pop-up*, como estratégia didática para avaliarmos a aprendizagem dos estudantes. O livro *pop up* é uma adaptação das técnicas da engenharia em papel, e que consiste em uma combinação de dobras, de ângulos, de recortes e de colagem para criar um dispositivo capaz de dar movimento ao papel, trabalhando com mecanismos tridimensionais, móveis retráteis de cunho interativo (WICHINGS, 2012, SANTOS, 2012). A técnica *pop-up* faz com que as figuras saltem das páginas automaticamente, à medida que elas se abrem. (WICHINGS, 2012). Além da interação, a produção dos livros em *pop-up* proporcionou aos estudantes organizarem as informações sobre o tema trabalhado na oficina, no nosso caso, “Produção Agroecológica”.

Ao finalizar a oficina, foi pedido para que os alunos se posicionassem em relação às suas percepções sobre os conteúdos trabalhados. A partir dos dados colhidos, foi observado que 28 alunos (80% do total) afirmaram aprender coisas novas. e 7 alunos, ou seja, 20%, responderam que relembrou o que já sabiam. Esses dados reforçam os estudos existentes na literatura que indicam que o uso de oficinas temáticas, quando planejadas, pode facilitar a compreensão dos estudantes sobre conceitos que se deseja ensinar.

CONCLUSÃO

A experiência obtida com a realização do Estágio Supervisionado II foi bastante relevante, pois o objetivo estabelecido foi alcançado de maneira satisfatória, uma vez

que contribuiu para instigar a discussão acerca da educação do campo a partir da experiência dos licenciandos no seu campo de estágio.

Com a realização deste estágio, os licenciandos obtiveram ganhos no campo da experiência intelectual e profissional, e contribuiu para a produção de conhecimentos e para as experiências pedagógicas voltadas para os alunos de uma escola do campo. A regência deixou clara a necessidade de se pensar as complexidades existentes nas práticas pedagógicas para o ensino nas escolas do campo, pois estas práticas devem estar de acordo com as especificidades dos sujeitos do campo.

Sugerimos que os debates acerca das escolas do campo sejam cada vez mais frequentes e mais divulgados, para que essas escolas e o seu público alvo, os sujeitos do campo, tenham melhores condições para aprender. Acreditamos que essa experiência abre espaço para novos diálogos e novas oportunidades que disseminem a importância da consolidação e valorização das escolas do campo.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. **Processos de Ensino na Universidade**, v. 3, p. 75-106, 2004.

BRASIL, **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002**. Institui diretrizes operacionais para a educação básica das escolas do campo. Brasília, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012002.pdf>. Acesso em: 06 out. 2017.

CALDART, R. S.. Educação do Campo pp 257-264 in: CALDART, Roseli Saete et al, **Dicionário da educação do campo: expressão popular** 2012.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

FERNANDES, B. M. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, M.G; CALDART, R. S.; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 133-145.

FERREIRA, A. DE W.; BOTELHO. S. M.; CARDOSO, E. M. R.; POLTRONIERI, M. C. **Manipueira: um adubo orgânico em potencial**, Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2001.

FREIRE, P.. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R., C.; CALDART, R. S. (Orgs.) **A Educação Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, 2002.

MARCONDES, M. E. R. Proposições metodológicas para o ensino de Química: oficinas temáticas para a aprendizagem em Ciência e o desenvolvimento da cidadania. **Em Extensão**, v. 7, p. 67-77, 2008.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, v. 29, p.16, 2006.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez Editora, 2011.